

Ensino ajuda o País a crescer

O secretário do Ensino de Segundo Grau do Ministério da Educação, professor João Azevedo, acredita que o Brasil não vai conseguir avançar em seu desenvolvimento sem investir na educação técnica. Para ele, os países desenvolvidos devem esta condição às elevadas inversões de recursos financeiros que realizam no ensino técnico "independentemente de ideologia".

João Azevedo afirma que a qualidade das escolas técnicas brasileiras é semelhante à de países economicamente fortes, com a diferença de que o Brasil dispõe de poucas unidades de ensino desse tipo. Daí a necessidade que detecta de se aumentar a oferta de vagas no ensino profissionalizante de segundo grau, como forma de apoio ao crescimento econômico.

INDICADOR

A parcela da população na faixa etária dos 14 aos 19 anos que frequenta escolas de segundo grau, segundo o subsecretário de Educação Técnica do Ministério da Educação, professor Maurício de Pinho Gama, constitui forte indicador do desenvolvimento de um país. Nos mais evoluídos, praticamente 100 por cento desses jovens estão matriculados, contando com vagas suficientes em escolas profissionalizantes.

No Brasil, apenas 1/5 dos adolescentes continuam a frequentar os colégios e, destes, menos de 110 mil estão matriculados no ensino profissionalizante — incluídas as redes de ensino oficiais e particular. Mesmo aqui, lembra o professor Maurício Gama, fica evidente a ligação

entre a condição econômica de uma região quando comparada com a quantidade de estudantes que cursam o segundo grau. Enquanto no Sudeste 19 por cento dos adolescentes estão matriculados, no Sul este percentual cai para 16 por cento e, no Centro-Oeste, para 14 por cento. O Nordeste e o Norte evidenciam ainda mais a disparidade com, respectivamente, nove e oito por cento dos jovens matriculados em cursos de nível médio.

CONVÊNIOS

Em congressos internacionais, a educação técnica brasileira é reconhecida como de melhor qualidade, conforme cita o professor Maurício Gama. Outros países têm interesse em conhecer os sistemas e métodos empregados nas escolas brasileiras, gerando um intercâmbio que atualmente tem se intensificado. Recentemente, uma missão de educadores brasileiros esteve na União Soviética e, talvez em maio, o Brasil receberá um grupo de especialistas daquele país, interessado em conhecer o ensino técnico aqui praticado.

Esta troca de experiências é frequente também com a Itália, França, Alemanhas Oriental e Ocidental, e Grã-Bretanha. Há menos de 10 dias, o professor João Azevedo recebeu a visita do diretor-geral de Instrução Pública da Itália, com o objetivo de reforçar o intercâmbio entre os países. Na ocasião, o visitante apresentou o programa de trabalho italiano, que inclui um ambicioso projeto de expansão da educação técnica, a ser cumprido até 1992.